



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O ESTATUTO DA LINGUÍSTICA APLICADA PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Ester Maria de Figueiredo Souza
(UESB)

Zeneide Paiva Pereira Vieira
(UESB)

RESUMO

A comunicação é decorrente de reflexões sobre a afirmação da Linguística Aplicada como uma ciência que privilegia o social da linguagem, revelando o seu status científico e criticando as correntes que a vê como um pano de fundo para a aplicação de conceitos da Linguística. Essas reflexões são oriundas das discussões com o ensino e a pesquisa na área de Linguística Aplicada e a Educação, enfocando as interfaces desses dois campos como processo de conhecimento de natureza interdisciplinar que veste o objeto da pesquisa sob a lente do contexto social que o contorna e, indubitavelmente, o influencia. Como resultados, expõem-se a natureza dialógica dos dados de pesquisa como processo de produção, construídos sob intencionalidade e ética da pesquisa/pesquisador.

PALAVRAS-CHAVES. Currículo, Educação, Linguística Aplicada, Pesquisa.

INTRODUÇÃO

Pesquisadores da área de Ciências Humanas e Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, vinculados ao Departamento de Estudos

-Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação - GPLED-CNPQ, Pesquisa financiada pela UESB. E-mail emfsouza@gmail.com

-Mestre em Educação. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação - GPLED-CNPQ, Pesquisa financiada pela UESB. E-mail zeneide.paiva@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Linguísticos e Literários e ao programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL- DELL desenvolvem pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas, aquisição de língua materna, estudos do letramento, interação e ensino, dentre temáticas que dialogam com as ciências da educação e da Linguagem. O interesse por esses temas e a opção de estudos sob a ótica da interdisciplinaridade provocaram a criação, no diretório de pesquisa no CNPQ, do GPLED, em 2004³²⁷. Uma das áreas de atuação do grupo é a Linguística Aplicada - LA, enfatizando a discussão sobre o estatuto teórico e científico como uma área interdisciplinar e transdisciplinar, que se organiza a partir da opção de trabalho com a linguagem enquanto uma prática social, como trabalho, mediado pelo contexto sócio-histórico do fenômeno linguagem.

Essa delimitação da LA legitima e autoriza como um escopo científico próprio para a investigação, focalizando-se em questões de identidades, gêneros discursivos, gêneros sócio-culturais, grupos minoritários, relações de poder e saber na sociedade, dentre tantos outros contextos que inserem a linguagem e os sujeitos como constitutivos e constituidores das práticas discursivas.

As pesquisas referentes à Teoria Dialógica da Linguagem, apoiada no pensamento bakhtiniano, é o elo que liga e unifica as linhas de pesquisa do GPLED. Intentamos, neste artigo, provocar reflexões que partem de resultados das pesquisas já divulgadas e em desenvolvimento³²⁸. Assim, o texto se organiza para ressaltar o caráter interfático da LA, processo de conhecimento de natureza interdisciplinar que veste o objeto da pesquisa sob a lente do contexto social que o

³²⁷A página do grupo no CNPQ informa sobre a repercussão, a implementação e desenvolvimento de pesquisas e estudos relacionados à linguagem e educação que se vinculam a linhas de pesquisa no campo teórico dos processos de ensino e aprendizagem de línguas - materna, estrangeiras, indígenas, africanas, sinais. Para tanto, expõe-se a necessidade imediata de formação de professores e pesquisadores para domínio de conceitos, abordagens e métodos de pesquisa e de ensino no âmbito das práticas de letramento, leitura, escrita, oralidade e discurso, dos estudos da interação na aula, das práticas discursivas com a linguagem e a cultura escolar. As pesquisas e os seus resultados possibilitarão a apropriação construtos teóricos nas áreas de Ciências da Linguagem e da Educação.

³²⁸Projetos cadastrados na Pró-Reitoria de Pesquisa Pós-graduação – PPG/UESB.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

contorna e, indubitavelmente, o influencia. Como resultados, expõem-se a natureza dialógica dos dados de pesquisa como processo de produção, construídos sob intencionalidade e ética da pesquisa/pesquisador.

Interdisciplinaridade e Lingüística Aplicada

Eventos técnico científicos em Educação, Linguística e Linguística Aplicada - LA, no Brasil, costumavam incluir em suas programações sessões que tratavam especificamente da natureza da LA, associadas ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. A partir da criação da ALAB – Associação Brasileira de Lingüística Aplicada, em 1990, outras temáticas são inscritas como de interesse da LA, bem como a consolidação de um movimento para demarcar os limites entre a Linguística e a LA como área de investigação.

Se essa centralidade quanto ao ensino de línguas predominou e foi o ponto inicial para a LA se deslocar da Linguística e se constituir como campo de pesquisa, com objeto e método definido, a partir dos anos 80, no Brasil, aspectos políticos e sociais da linguagem foram realçados e os programas de pós-graduação da área de Letras e Linguística assumiram a necessidade de investigar e minimizar a distância entre a pesquisa teórica e aplicada.

O desenvolvimento da LA, como área de conhecimento, mesmo ainda se preocupando com questões atinentes ao ensino e aprendizagem de línguas, desloca-se e amplia-se para o diálogo com outras ciências, visto o caráter social do seu objeto de pesquisa – a linguagem e não a estrutura e forma da língua. Segundo Pennycook (2005)

[...] a linguística aplicada crítica é bem mais do que a adição de uma dimensão crítica da linguística aplicada. Ao contrário, possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou reprodução de alteridade, que até então não tinham sido considerados como interesse da lingüística aplicada. (PENNYCOOK, 2006, p. 68)

Por que trabalhar em uma perspectiva social da linguagem? Pensamos que essa perspectiva situa a linguagem e os fenômenos discursivos da e pela linguagem, trazendo, em seu bojo, a necessidade de realçar os componentes éticos da linguagem, a dialogia e a historicidade das práticas discursivas. Essa condição é necessária para que abduquemos da visão da linguagem como fato natural, biológico e desprovida de valoração. Os sujeitos produzem linguagem, sendo afetados de maneiras diversas pelos atos que produzem e que recebem. Não podemos controlar e nem temos poder para impedir a realização de fenômenos da natureza, mas temos como interagir com a linguagem e optar pela forma, estilo, conteúdo e tema dessa produção. Rajagopalan (2003), em seu livro *Por uma lingüística crítica*, argumenta que

Questões de ordem ética, via de regra, não são levantadas quando o que está em pauta é a língua natural. Isso tem a ver justamente com o fato de a língua ser considerada um fenômeno natural. Existe uma crença, amplamente compartilhada, de que a natureza desconhece qualquer espécie ética. Ninguém, por exemplo, discute a dimensão ética de um desastre natural, como um terremoto, por exemplo. [...] O acontecimento em si, quando é percebido como além do controle humano direto, como no caso de um terremoto, é entendido como algo acima das considerações éticas – exceção feita às práticas de nos queixarmos contra as forças do mal, ou contra deuses contrariados etc., que fazem parte das superstições e mitos. Mesmo nesses casos é interessante frisar que o evento é antes desnaturalizado para então lhe serem atribuídas conotações éticas. Resumindo, o pressuposto amplo que sustenta boa parte de nossas discussões relativamente à questão ética é o de que só se pode falar em ética quando estão em discussão ações intencionais praticadas por agentes humanos no exercício de sua livre e espontânea verdade. (grifo nosso). (RAJAGOPALAN, 2003, p.15)

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O trabalho do lingüista aplicado é uma assunção de uma identidade crítica e humanista no fazer da pesquisa. A ruptura com teorias já cristalizadas e que sustentam hegemonias ditas naturalizadas não é o percurso para a prática desse pesquisador. Assim, o lingüista aplicado assume e insere-se no contexto da pesquisa como um dos sujeitos da pesquisa, reavaliando e refletindo sobre a sua prática social. Não há como imergir em um contexto cultural complexo³²⁹ e não absorver e ser afetado pelos resquícios da pesquisa. Esse envolver é um cenário persuasivo do fazer ciência, alicerçado em outra ética.

Essa metodologia da pesquisa é sensível às demandas de coletivos sociais historicamente excluídos. No campo das Ciências Humanas, em Educação, estudos sobre repetência, exclusão escolar, etapas de letramento etc são recorrentes. Nas ciências da Linguagem, como na LA, esse mesmo público é autor de pesquisas sobre letramento, constituição de identidades sociais, alteridades lingüísticas, políticas lingüísticas etc. Defendemos que o diálogo entre essas duas áreas se dá por meio de uma atitude, até certo ponto, in(dis)terdisciplinar, provocando a criação de um novo objeto de pesquisa e, conseqüentemente, apropriando-se de uma metodologia que considera as matizes complexas que compõem esse objeto.

Uma ação interdisciplinar requer o domínio de conhecimentos disciplinares. Essa assertiva causa certa polêmica e, talvez, exige-nos melhor qualificação. Souza (2011) pondera que só se é interdisciplinar quem domina uma especificidade e se posiciona como interlocutor do outro, escutando e se apropriando das diferenças conceituais, com a assunção de uma postura ética e valorativa perante a teoria e a vida. Um diálogo mais estreito entre as diferentes disciplinas ou campos de saber como a Educação, Antropologia, Linguística, Psicologia etc corroboram para

³²⁹ Do latim *complexus*, particípio passado de *complecti*, “cercar, abarcar, compreender”. “Diz-se de um conjunto tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes difícil pelo intelecto, e que geralmente apresentam diversos aspectos” (Houaiss, 2001, p. 776).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

envolver o objeto/tema da pesquisa e abraçá-lo multifacetadamente, ressaltando-se as escolhas do pesquisador.

Com a consciência de que a interação social é a mola propulsora para desencadear o movimento discursivo com o tema da pesquisa, o pesquisador reconhece uma certa dinâmica “instável” do fazer ciência interdisciplinar. Qualquer agenda da pesquisa deve incorporar esta instabilidade como o continuum da pesquisa.

A perspectiva crítica e social da ciência lingüística encontra no caráter dialogal da LA o contexto favorecedor para a produção e análise de dados da pesquisa. Concordamos que para se realizar pesquisa analítica, crítica e interpretativamente, assume-se uma posição autoral que transforma e é transformado - o que vai de encontro ao cartesianismo, na sua dicotomia objeto/sujeito de pesquisa. Nessa acepção, abdicamos da denominação objeto de pesquisa e assumimos a mobilização das experiências do pesquisador e de outros sujeitos da pesquisa como determinantes para dar maior visibilidade à voz de grupos minoritários, ao denunciar e anunciar as condições sociais, culturais e políticas que cercam esse contexto. Compreendemos como sujeito não só a pessoa humana, (a redundância é ênfase), mas também qualquer objeto material que carrega as significações sócio-históricas na sua constituição. Assim, é um livro, bem como um filme, na relação com o humano. É uma relação com. Uma relação entre sujeitos.

Uma pesquisa que expõe com rigor científico e caráter dialógico essa compreensão é o estudo realizado por Magalhães (2010) sobre o fazer jornalístico na dimensão ética e dialógica, pautando a complexidade da questão autoral. Magalhães (2010) realça a construção do método de pesquisa ancorado em uma abordagem sócio-histórica de investigação, assumindo uma dimensão interacional e dialogal com o tema: “a tarefa de fazer recortes na ininterrupta cadeia



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

comunicativa para compor um corpus de análise constitui um dos primeiros gestos de interpretação do fenômeno em foco. Diante disso, apontamos os critérios que orientaram o recorte do corpus de pesquisa” (p.118).

A necessidade de ruptura com teorias reducionistas é imperiosa para a práxis de pesquisa interdisciplinar. Os lingüistas aplicados definem o seu tema de pesquisa como um objeto complexo, justificado pela construção de uma investigação resultante de abordagem de diversas disciplinas. Rojo, (2007) defende uma perspectiva transdisciplinar da LA e corrobora para enfatizar a distinção entre paradigma interdisciplinar e transdisciplinar. Sabemos que esse debate ainda é fervoroso e apaixonado no campo das ciências aplicadas. Com a necessidade de se definir o status da LA, Rajagopalan (1996), em um depoimento pessoal intitulado A prática da Linguística e a Linguística da prática, cria o neologismo indisciplinaridade. Pensamos que essa opção de Rajagopalan vai no sentido de sair um pouco do debate inter e trans, mas sempre reafirmando o caráter dialógico e dialética desta ciência.

Retomamos ao depoimento:

Hoje, percebo que a minha atividade acadêmica, enquanto docente e pesquisador, transita um pouco entre todas as áreas mencionadas. Não reconheço mais a necessidade de manter com tanto zelo e ciúme as fronteiras entre as disciplinas. Já se falou muito na inter – e transdisciplinaridade. Penso que o termo mais apropriado – ao menos no que diz respeito à minha condição atual enquanto pesquisador – deva ser o neologismo “indisciplinaridade”. Indisciplinaridade não significa necessariamente descrença total nas abordagens teóricas que aí estão. Muito menos ainda significa desejo de “bagunçar o coreto” da sinfonia acadêmica, formada pelas diversas disciplinas. Significa, no meu modo de entender, uma certa vontade de trabalhar novas questões ou, por que não, velhas questões sob novas perspectivas. Significa, isto sim, abordar tanto os problemas tradicionais como as soluções consagradas propostas a cada um deles como um pouco mais daquilo que se pode chamar de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

“espírito de problematização”, um pouco mais do espírito tão saudável de ceticismo (desde que, é claro, utilizado com prudência) – enfim, temperar tudo o que é oferecido a nós como pontos pacíficos do campo do saber with a grain of salt, como dizem os ingleses. (RAJAGOPALAN, 1996).

A responsabilidade social da pesquisa é uma preocupação que verticaliza e perpassa inter ou transdisciplinarmente a pesquisa em LA. Essa (re) define o objeto de pesquisa, acentuando com mais intensidade o compromisso ético e estético do pesquisador com os participantes do estudo. Cabe ao lingüista aplicado o exercício da desconfiança, o certo ceticismo alegado por Rajagopalan antes referenciado, assumindo a polêmica como constitutiva do objeto pesquisado, abdicando-se de consensos pré-definidos e razões já assentadas que não consideraram a condição processual – histórica, cultural e social – do objeto de pesquisa.

Natureza dialógica dos dados da pesquisa em LA

A interpretação dos contextos minoritários foi e ainda permanece sendo uma investigação que se instrumentaliza pela pesquisa etnográfica, quer assentada teórico e metodologicamente na interdisciplinaridade, quer não. Outra opção condiz com os princípios da Teoria Dialógica da Linguagem, que encontra nos escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1986, BAKHTIN, 2003) suporte para adentrar na complexidade de cenários, por natureza cultural e individual, complexos. A primeira opção tem sua relevância, pois desloca o processo de coleta de dados para o processo de produção de dados, reconhecendo uma “certa” intencionalidade do pesquisador assegurando-se a pré-determinação do método de pesquisa. Contudo, não incorpora, na sua totalidade, as experiências



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

dos seus participantes, Já a segunda opção, ao absorver a dimensão histórica do sujeito da pesquisa, reconhece que esse é imbricado de historicidade e essa se constitui para além do plano dialético: é dialógica. A acepção de dialógica, aqui, se inscreve como uma assunção de papel social pelo pesquisador, que se reconhece incompleto, inacabado e inconcluso, requerendo a interação social como prática complementar para se constituir enquanto pesquisador.

Um exemplo de pesquisa nessa dimensão são os projetos Tipologia das interações da aula e Contribuições dos estudos de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin para a educação básica e Alfabetização: análise de práticas pedagógicas no contexto de Vitória da Conquista, contextualizados na Teoria Dialógica da Linguagem. Tais projetos sustentam a formação para a pesquisa e a construção de conhecimentos em uma abordagem interdisciplinar de pesquisadores ligados ao GPLED. Situando-se nas interfaces entre linguagem e educação, os dois projetos assumem a dialogia do objeto e do sujeito como uma trama de discursividade.

O primeiro projeto elege a sala de aula como um contexto cultural e a aula como um evento discursivo cercado pelas dinâmicas das interações sociais entre alunos/professor/material de ensino. Essa caracterização da aula reconhece os diferentes papéis que os sujeitos assumem, respaldados em condições discursivas hegemônicas e sujeitas a rupturas. Metodologicamente, a aula e as práticas discursivas que a constitui são segmentadas em episódios de aula, sendo o banco de dados da pesquisa constituído de aulas transcritas de contextos complexos de ensino com estudantes quilombolas, surdos, língua estrangeira (inglês) e sujeitos de pouca escolaridade e em situação de vulnerabilidade social.

O segundo projeto realça a dialogia da obra dos dois pensadores, Freire e Bakhtin, extraíndo de obras selecionadas de autoria desses as faces do humanismo da pesquisa na Educação e na Linguística

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O último projeto apresenta e analisa os modelos de leitura vigentes na sala de aula do ensino fundamental e os interpreta criticamente enfatizando a importância de se ressignificar as práticas leitoras. Essa pesquisa parte do pressuposto de que a leitura é um processo interacional de construção de sentido.

Outros trabalhos que dialogam com a educação e a LA, adotando o viés interdisciplinar ou transdisciplinar para problematizar a pesquisa, como os de Bunzen (2005), Bunzen e Rojo (1986) e Rojo (2007) partem do conceito de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin como orientador teórico e metodológico para a análise de contextos complexos de pesquisa.

Nelson (2006) apud Lopes (2006) discorre sobre a teoria QUEER realçando a sua aplicação em salas de aula globalizadas, multiculturais, tematizando questões de identidade sexual na educação em salas de aula de inglês como segunda língua. Organiza a sua escrita por meio da metáfora “sair do armário” de coletivos homossexuais. São provocadores os depoimentos que transcreve em seu estudo frutos das entrevistas com professoras que “... decidiram representar suas identidades sexuais em sala de aula e como essas escolhas foram interpretadas por cinco estudantes. 4.”(p.217)

SOUZA (1986; 2009) elege a aula como um gênero do discurso, apontando o acabamento, estilo e tema como elementos que a define na especificidade do gênero, desenvolvendo a pesquisa sobre as instâncias de produção de conhecimento na aula de língua portuguesa, topicalizando a dinâmica discursiva processada nas condições de produção e recepção do discurso pedagógico. Indica a predominância do estilo autoritário e a ruptura desse estilo quando os sujeitos da aula assumem posição autoral, dando margem para a insurgência e persuasão discursiva, nos planos rotineiros e rituais da aula.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONCLUSÕES

Reconhecemos as diferenças entre as abordagens interdisciplinar e transdisciplinar. Estabelecemos como consenso a denominação objeto complexo para realçar o estatuto da LA na sua interface com a Educação. Essa postura pode ser inter ou transdisciplinar, contanto que não se perca a perspectiva de complexidade. Essa valoração é autoral. Podemos assim, vestir a aula com complexidade ou naturalizá-la. Não é uma questão de ponto de vista, mas de adoção de uma concepção metodológica que se vincula a uma opção política de compreender e interpretar a realidade.

Convivendo, provocadoramente e instigando outras ciências, a LA coloca-se em atitude dialogal, realçando, cada vez mais, a sua legitimidade e autoridade científica. De certo, há de se concordar que essa se volta para estudos e pesquisas sobre questões da linguagem como uma prática social.

A necessidade de superação da disciplinaridade é um desafio nos diferentes ambientes educativos. Esses ambientes, para se constituírem cenários de experiências exitosas, de formação humanista e competência social precisam ser vistos enquanto instituições de ensino e pesquisa que exigem o encontro de possibilidades, alternativas e métodos dialogais com as diversas vertentes do conhecimento.

Lembramos, aqui, de Italo Calvino (1994), em Palomar, no capítulo Leitura de uma onda, em que o senhor Palomar, na sua rigidez estruturalista, se vê disciplinarmente contemplando uma onda que se forma em alto mar e que se avoluma até quebrar-se na praia. Na sua inquietude de saber fica a indagar-se: é a mesma onda do meu olhar inicial? Essa questão não se responde sem uma ética e uma estética dialogal.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992.
- BAKHTIN, M., VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BUNZEN, C, ROJO, R. Livro didático de Língua Portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: VAL, M. da G. C., MARCUSCHI, B. (Org.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa: Letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica. Belo Horizonte, 2005.
- BUNZEN, C. Livro didático de Língua portuguesa: um gênero do discurso. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. **Dissertação de Mestrado**. Campinas, 2005.
- CALVINO, I. Leitura de uma onda. In. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAGALHÃES, A. S. Subjetivação, jornalismo e ética: uma abordagem dialógica. **Tese de Doutorado**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, 2010.
- NELSON, C. D. A teoria queer em lingüística aplicada enigmas sobre “sair do armário” em salas de aula globalizada. In: LOPES, L. P. da M. (Org.). **Por uma lingüística indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PENNYCOOK, A. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: LOPES, L. P. da M. (Org.). **Por uma lingüística indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- RAJAGOPALAN, K. A prática da lingüística e a lingüística da prática. **Palestra proferida no 6º INPLA**. PUC – SP. São Paulo, 1996. Acessado em: <revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4061/2707>.
- _____. **Por uma Linguística crítica. Linguagem, Identidade e a Questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ROJO, R. Práticas de ensino em língua materna: Interação em sala de aula ou aula como cadeia enunciativa? In: Kleiman, A. B. & Cavalcanti, M. C. (Org.) **Lingüística Aplicada – suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- SOUZA, E. M. F. **Sala de aula: práticas discursivas no cotidiano**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 1996.
- _____. A Interdisciplinaridade: prática no ensino e na pesquisa. **Palestra proferida no II Seminário Interdisciplinar do Programa de pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens**. Mesa redonda: Teoria Dialógica da Linguagem. UESB. Vitória da Conquista, 2011.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

_____. A aula de português como instância de produção e circulação de conhecimentos lingüísticos e não lingüísticos. In SOUZA, E. M. F. CRUZ, G. F. **Linguagem e ensino: elementos para reflexão nas aulas de língua inglesa e língua portuguesa.** Editora UESB. Vitória da Conquista, 2009.

SOUZA, E. M. F; VIEIRA, Z. P. P. A leitura do mundo precede a leitura da palavra. In: CRUSOÉ, N. M. C; RIBEIRO, M.M.G; SILVA, C.A. (Org.) **Desafios Educacionais no Cotidiano Escolar.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.